



Ano II, Volume II, Numero I
Janeiro – Junho de 2011

A LEITURA LITERÁRIA COMO ELEMENTO *SINE QUA NON* PARA A FORMAÇÃO HUMANA.

Núbia Verônica Ferreira Avelino¹, Josilene Pinheiro-Mariz²

RESUMO

Pensar a literatura como um caminho especial para o desenvolvimento humano é compreendê-la como um componente indispensável para a formação profissional, sobretudo, quando se trata do profissional da área de saúde, uma vez que ele lida, em grande parte das vezes, com vidas humanas. Refletindo sobre a necessidade de uma terapêutica humanizadora, aquela que vê o ser humano nas suas múltiplas perspectivas, evocamos o que preconiza a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Lei de diretrizes e Bases da Educação, do Brasil (LDB) e percebemos que proporcionar a leitura literária no âmbito do tratamento de saúde pode ser um importante instrumento na busca da cura. Assim, neste artigo, buscamos apresentar o texto literário como um potente instrumento de humanização. Para isso, focamos na formação da criança, considerando-se que essa fase da vida é o momento mais importante para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, fazemos uma exposição histórica para mostrar essa evolução e discutimos, a partir da leitura de um clássico da literatura, um exemplo de como a literatura pode favorecer o desenvolvimento humano. No conto *A bela adormecida do bosque*, mostramos como o escritor francês Charles Perrault exerceu grande influência na formação da criança ocidental. Essa perspectiva de terapêutica pode ser um caminho bem particular na formação de profissionais da grande área da saúde, que busquem exercer, no cotidiano profissional, a humanização na saúde, por meio da leitura literária.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Saúde; Humanização.

LITERARY READING AS A *SINE QUA NON* ELEMENT FOR HUMAN DEVELOPMENT

ABSTRACT:

To think of literature as a special way towards human development means to understand it as an indispensable component in a person's career, especially when health professionals who deal with human lives are involved. On reflecting about the need to have some humanizing therapeutics, which sees the patient as a whole being, we evoke what is stated by the World Health Organization (WHO) and The National Law of Education, and we perceive that promoting literay reading during health treatment can be an important instrument for recovery. Thus, in this article, we attempt to present the literary text as a powerful humanizing tool. With this in mind, we focus on child development, due to the fact that this period in life is the most important moment in human development. In this sense, we show a historical background in order to bring forth this evolution and we discuss, through the reading of a literary classic, an example of how literature can contribute to human development. In the short-story *The Sleeping Beauty in the Wood*, we attempt to show how the French writer Charles Perrault exerted a great influence on the development of western children. This therapeutic perspective is a very particular way towards the development of professionals who try to humanize health care, on a daily basis, by means of literary reading.

1. Mestre em Linguagem e Ensino pela Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UAL-UFCG). Professora da rede pública de ensino básico.

2. Professora Adjunta – UAL-UFCG. Doutora em Língua e Literatura Francesa (FFLCH-USP).

Correspondência: R. Cap. João Alves de Lira, n.447, ap. 402. Prata. Campina Grande (PB). CEP: 58400-560.

Email: jsmariz22@hotmail.com

Key-word: Development; Health; Humanization

INTRODUÇÃO

As histórias infantis fazem parte da vida humana desde a mais tenra idade, quando, no calor dos laços familiares, contavam-se ou liam-se histórias que serviam para aproximar mais as famílias ou para acalantar as crianças. O fato é que tais histórias da literatura sempre estiveram presentes na vida do homem, como um elemento que o liga ao mundo, favorecendo essas relações de maneira tão especial, que para as crianças, por vezes, o que é imaginário toma vida real.

Não é à toa que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), Seção II, Art. 29º, preconiza que a “Educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” Essa orientação da LDB vai ao encontro da percepção da Organização Mundial da Saúde (OMS), ao garantir que saúde é um elemento complexo, uma vez que está associada a fatores físicos, psíquicos e comportamentais, isto é: trata-se de uma formação integral. Assim, a criança desde a primeira infância, no momento da educação infantil, precisa estar cercada de todos os cuidados para que o seu desenvolvimento seja completo.

É nesse âmbito que evocamos o crítico literário e sociólogo Antônio Candido (1) ao afirmar sobre a função humanizadora da literatura. Para esse crítico, ela (a literatura) exerce o importante papel de confirmar a humanidade do homem. No que concerne ao psicológico, observamos que a literatura pode

estimular múltiplos olhares para o mundo, sobretudo, se considerarmos a sua produção e a fruição que ela desperta. Tais elementos podem ser vistos como um tipo de necessidade que qualquer ser humano tem de estimular a ficção, logo provocar a fantasia, que segundo Candido (op. cit.) é decerto é coextensiva ao homem, uma vez que está presente na vida do ser humano tanto como indivíduo, quanto coletivamente.

Assim, neste texto, queremos apresentar elementos que permitam a discussão a respeito do papel da literatura como um elemento *sine qua non* para a formação e desenvolvimentos integrais do ser humano, tanto na perspectiva da OMS, quanto na da LDB. Acresça-se a essa visão, o fato de que a educação e a saúde são dois dos pilares que sustentam uma nação, surgindo, de modo intenso, nos discursos políticos, em especial em momentos de campanhas eleitorais. Dessa forma, intentamos neste texto, promover essa relação tão necessária e indispensável para o ser humano na sua mais complexa formação.

A LITERATURA NA HUMANIZAÇÃO DA SAÚDE

“A adoção de uma visão da natureza humana como um processo dinâmico e evolucionário é um convite à ampliação de nossas ideias sobre saúde e doença” (2). Com essas palavras, inicia-se o artigo Reflexões acerca da humanização na saúde pública brasileira, publicado pela Revista Ciência e Saúde. As ponderações feitas nesse texto são tão importantes, quanto necessárias para o profissional da área de saúde, de um modo todo

especial, quando lembramos que médicos, enfermeiros, psicólogos, farmacêuticos e muitos outros profissionais desse domínio lidam com vidas humanas. Então, como pensar apenas no bio ou fisiológico, quando o relacionamento é com pessoas humanas? Sabe-se que o ser humano é complexo e que, em uma doença, por exemplo, há muito mais que a própria fisiopatologia.

Não é a toa que grandes hospitais tanto nos Estados Unidos, como no Brasil e em muitos outros países pelo mundo, fazem o acompanhamento de doenças graves, com “religiosos”, por exemplo; sem se falar, evidentemente, que o psicológico ocupa um espaço determinante na terapia de doenças como o câncer. Portanto, o profissional da área da saúde necessita de fato, de uma formação mais humanizadora, isto é: o paciente deve ser visto na sua totalidade e em toda a complexidade que lhe é peculiar.

Por razões como esta, pensamos a literatura como um caminho todo especial para auxiliar no desenvolvimento humano, particularmente, na infância, sem que se deixe de destacar o quanto ela é importante em qualquer fase da vida humana, pois ela é capaz de estimular conexões que podem despertar para a fruição. Por certo é Cândido (op. cit.) quem nos indica esse caminho para uma visão mais humanizadora da literatura. Para ele, existe nela, a função psicológica, a função formadora e a social. Na função psicológica, percebe-se uma ligação estrita com a capacidade e necessidade que tem o homem, - no âmbito mais amplo do termo -, de fantasiar. “Essa necessidade é expressa através dos devaneios em que todos se

envolvem diariamente, através das novelas, da música e do fantasiar sobre o amor, sobre o futuro etc.” (1,3). Isso nos faz perceber a literatura como uma das formas mais intensas na promoção do imaginário. Através da literatura, existe a possibilidade de se estimular a fantasia, ligando-a ao real, por essa razão, ela pode exercer a função formadora do homem. O fato de ligar o leitor ao universo no qual ele vive, permite que a literatura ocupe a função social, sendo nessa perspectiva que essa arte aproxima o homem de sua realidade, evitando, dessa forma, uma total evasão do mundo.

É, portanto, nessa perspectiva, que vemos a leitura literária como um elemento de fruição, permitindo ao ser humano, uma visão de fuga com os pés no chão, proporcionando, desse modo, uma formação mais completa. Assim, nas nossas discussões, enfocamos a formação da criança desde a noção moderna de infância.

PERCEPÇÕES HISTÓRICAS DE INFÂNCIA

O crítico francês, Philippe Ariès, buscou em seus estudos, discutir a noção moderna de infância (4). Ao pesquisar a iconografia na Europa, descobriu que até meados do século XVII, a arte negava a morfologia infantil e as crianças eram esculpidas ou pintadas com características de adultos, com músculos definidos. Os artistas da época diferenciavam um menino de um homem retratando o primeiro em menor estatura que o último, e na tentativa de se retratar crianças, ilustrava-se anões. Essa visão sobre a infância comprovava a falta de conhecimento que havia nos adultos sobre as peculiaridades dessa fase

humana.

Ao livrar-se das dependências físicas mais primitivas, as crianças passavam a conviver com os adultos como se fossem um deles, participando de todas as atividades, inclusive dos trabalhos e das guerras. O infanticídio era tolerado, pois muitas crianças morriam por falta de cuidados básicos ou de proteção, e não era raro se ter notícia de crianças mortas, sufocadas pelos pais durante a noite, quando esses adormeciam sobre os infantes, ou ainda afogadas na pia batismal durante a cerimônia do batismo.

Foi por volta do final do século XVII que surgiu o sentimento que Ariès nomeou de "paparicação". O autor percebeu nesse sentimento um indício de reconhecimento das especificidades das crianças e da necessidade de um tratamento diferenciado. A partir desse novo sentimento, o lugar da criança na família e na sociedade começou a mudar. Assim, faz-se necessário esclarecer o porquê de, durante muitos séculos, a literatura ter servido apenas para repassar valores aos pequenos, deixando-se de lado a espontaneidade característica dessa fase, enfatizando-se os valores pedagógicos em detrimento da arte literária.

A importância da criança na sociedade medieval

Segundo Ariès (op. cit.), a importância da identidade infantil (registro de nome e nascimento), por exemplo, ganha relevância só a partir do século XVI, ocorrendo concomitantemente à epigrafia familiar, quando as famílias passaram a fazer inscrições em

objetos, utensílios, móveis e fotos. Dessa forma, junto com os pertences da família, os recém-nascidos começaram também a receber seus nomes. Todavia, nas fotos, em família, apenas os adultos eram identificados, não apareciam inscrições que identificassem as crianças.

Foi com esse avanço, em relação à identificação dos recém-nascidos, que no século XVII a criança morta também começou a ser retratada. Até então, só os adultos tinham seus túmulos adornados com suas fotos. O corpo de uma criança batizada era enterrado no túmulo da família, mas, sem nenhuma identificação (foto ou inscrição), enquanto a criança pagã era sepultada no jardim de casa, semelhantemente, aos animais domésticos. Inicialmente, as fotos das crianças mortas não apareciam sozinhas nos túmulos e sim ladeando os adultos, geralmente seus pais ou professores.

Com o advento da identidade das crianças pequenas, começou a se formar um sentimento diferente em relação à infância. Nas pinturas em que apareciam, esses pequenos, eram retratados como adultos com menor estatura, com aparência de anão como dissemos antes, já que eram vistos, exatamente, assim. "Na arte medieval francesa, a alma era representada por uma criancinha nua e em geral assexuada." (4).

Essa visão da criança como um ser anti-humano delegava a ela um lugar inferiorizado no qual ainda não era considerada pessoa, mas, um "ser anterior", uma espécie de "vir a ser", que se tornaria 'gente' quando alcançasse a idade adulta ou pelo menos quando se aproximasse dela. Talvez tenha sido essa visão que deu origem a algumas expressões para referir-se à criança

como um ser inferior; como "só quer ser gente", empregada quando uma criança contra-argumenta com um adulto, por exemplo.

Ainda hoje, em alguns lugares, como na savana africana, a vida curta das crianças é vista como algo natural e as suas mortes sem grandes sofrimentos. Essas crianças que nascem em famílias com pouca esperança e expectativa de vida, têm seus óbitos assistidos como inevitáveis. No século XVI e até meados do XVII, isso era comum não apenas nas famílias pobres; e os sepultamentos delas causavam uma tristeza semelhante à de se enterrar um animal que vivia em seu quintal.

Sobre a aquisição da linguagem

No que concerne à aquisição da linguagem, os jogos verbais e as rimas serviam como exercícios orais que distraíam e estimulavam o desenvolvimento do vocabulário e do conhecimento da metalinguagem nas crianças. No contexto de mudança sobre a visão da infância, os adultos também passaram a se interessar em registrar as expressões das crianças e o vocabulário das mães nos momentos de cuidado ou de vigilância. Esse tipo de episódio marcou um momento importante, por revelar o grande valor que se passou a atribuir ao vocabulário infantil e, conseqüentemente, à aquisição da linguagem.

Uma fração desse processo pode ser notada na Divina Comédia, exposta no seguinte texto: "Que glória terás tu a mais se deixares uma carne envelhecida, do que se tivesses morrido antes de parar de dizer pappo e dindi, antes que

mil anos se passassem." (5). Ainda em relação à aquisição da linguagem outros autores (6) afirmam que:

Por isso, um adulto não pode aprender a falar; foram crianças e não adultos os que acessaram pela primeira vez a linguagem e, apesar dos quarenta milênios da espécie homo sapiens, a mais humana de suas características, precisamente - a aprendizagem da linguagem - permaneceu tenazmente ligada a uma condição infantil e a uma exterioridade: quem acredita num destino específico não pode verdadeiramente falar (6).

Diversos trabalhos contemporâneos sugerem outros conceitos e outros lugares para a infância. Dentre eles, o do estudioso citado anteriormente, que mostra como a infância é, antes de uma etapa, uma condição da experiência humana. A infância é tanto ausência quanto busca de linguagem; só um infante se constitui em sujeito da linguagem e é na infância que se dá essa descontinuidade especificamente humana entre o dado e o adquirido, entre a natureza e a cultura (6).

O ser humano é o único animal que aprende a falar e não poderia fazê-lo sem infância. Notemos, portanto, que a infância não é apenas uma questão cronológica, mas, uma condição da experiência humana. O próximo excerto também sugere que o próprio da infância não é ser apenas uma etapa, uma "fase numerável ou quantificável da vida humana", mas um reinado marcado por outra relação - intensiva - com o movimento. No reino infantil, considerado como o tempo, não há sucessão nem consecutividade, mas a

intensidade da duração" (6).

Asexualidade infantil

A noção moderna da infância se formou, no decorrer de alguns séculos, a partir de fatores como as práticas de vacinação e de higiene, que diminuíram a mortalidade infantil e, unidas às práticas de contracepção, contribuíram tanto para que surgisse uma nova visão em relação à infância, quanto para que outro sentimento referente à perda dos filhos se formasse.

A adolescência também não era reconhecida e, até o século XVIII, essa fase era confundida com a infância ao ponto de rapazes de 15 e até 18 anos serem chamados de crianças, enquanto as meninas, aos nove, já eram consideradas mulheres. Casavam-se aos 11 ou 12 anos e, em muitas vezes, aos 10 assumiam a cozinha, tinham como outras ocupações fiar, costurar, bordar.

Os meninos, nessa faixa etária, brincavam com bonecas, cavalos de paus etc. Enquanto as meninas ajudavam nas tarefas domésticas e nas ocupações das mulheres adultas. As crianças participavam de todas as atividades dos adultos, das festas e de seus preparativos, dos martírios, das execuções etc. A ausência da adolescência também noticiava a reação em relação à duração da vida.

Segundo o dicionário de Furetière (início do século XVIII) a palavra *enfant* era também um termo de amizade para cortejar as pessoas a quem queriam agradar ou de quem queriam conseguir algo (7); as palavras *mon enfant*, *petit* eram exemplos dessas saudações. Os termos utilizados para os soldados da primeira fila nas

batalhas, aqueles que estavam mais expostos aos perigos, eram do tipo: "coragem, *enfants*, aguentem firme" e eram chamados pelo capitão de *enfants perdus* ou "crianças perdidas".

Outros cumprimentos como *jeune enfant*, *jeune fille*, *lyttle petties* também eram empregados com objetivos semelhantes. Esses tratamentos revelavam que uma nova maneira de ver e de dirigir-se às crianças estava sendo cultivada. A linguagem, portanto, teve um papel importante para que essa nova visão a respeito da criança se formasse. (idem, 6).

Quanto à relação de gênero, apenas no século XVIII, a menina passou a ser vista como diferente da mulher, fato que ocorreu anos depois de os meninos terem sido distinguidos dos homens; a escolaridade feminina só foi iniciada dois séculos após a dos garotos. Esse acontecimento, talvez, tenha persistido até recentemente, quando, em algumas famílias, se cobrava que as filhas assumissem, sem a ajuda dos irmãos, os afazeres domésticos.

Um aspecto curioso relacionado às crianças era a vestimenta: os trajes dos meninos eram muito femininos e aos cinco anos de idade era quase impossível se fazer a distinção do sexo da criança pela aparência da roupa, já que eles também usavam cabelos compridos e, geralmente, penteados cacheados; ambos, meninos e meninas, usavam vestidos e só a partir dos seis anos os garotos passavam a usar calças curtas, pois as calças compridas só eram permitidas aos 15 anos e, em algumas famílias, nas mais tradicionais, só aos 18. Mesmo se livrando das roupas afeminadas durante o dia, ainda dormiam de camisolas.

Com a modernização da escolaridade e a adesão às novas regras de comportamentos para os educandos, a literatura infantil e juvenil sofreu uma nítida transformação em relação ao seu lugar e seu desígnio, ocupando um papel de auxiliadora dos educadores na função de doutrinar as crianças modelando seus comportamentos.

E foi sob essa influência que surgiu uma literatura para o público infantil meramente pedagógica, bem diferente dos textos para os adultos. Os livros passaram a ser indicados, censurados e proibidos nas instituições de educação. A união entre Pedagogia, Religião e Nova Literatura surgiu com o objetivo de implantar a moral e os bons costumes.

A PRESENÇA DE PERRAULT NA LITERATURA INFANTIL DO OCIDENTE

Charles Perrault (1628 -1703) foi advogado de confiança de Luis XIV, o Roi Soleil, e ficou conhecido pelos acadêmicos de sua época como um modernista, alguém com ideias inovadoras. Perrault estabeleceu-se como líder de um grupo de intelectuais que defendiam a literatura francesa. Esse movimento liderado pelo autor de *A bela adormecida do bosque* contrapunha-se a um pensamento antigo que reconhecia a antiguidade greco-romana como verdadeira literatura. Tal movimento ficou conhecido como a Querela dos antigos e dos modernos.

Narrador nos palácios, ele fazia adaptações dos contos populares e os transformava em contos de fadas ou contos clássicos que narravam histórias de amor entre

príncipes e princesas e sobre generosos e bondosos reis, narrativas que agradavam os seus nobres ouvintes. Faleceu aos 75 anos, deixando um acervo de vários escritos (8). Referindo-se a sua biografia, Canton (9), assevera que o autor parisiense era um refinado burguês, foi eleito membro da Academia Francesa de Letras e mesmo sendo advogado preferia a função de escrever e narrar contos de fadas em saraus, o que lhe rendeu o título de mais conhecido e importante autor de contos de fadas da sua época.

Consideramos pertinente lembrar que os contos de fadas tiveram sua gênese nas fábulas e talvez por isso, as primeiras versões dos contos de Perrault sempre se encerravam com uma mensagem de advertência endereçada aos leitores. Seus enredos não contêm, necessariamente, fadas e, em geral, são ricos em fantasia, com animais falantes, seres mágicos que estão a favor dos heróis e das heroínas, que sempre têm uma difícil tarefa a cumprir.

Dessa forma, Perrault se coloca como o principal contista de sua época, tendo sua fama, portanto, ultrapassado o seu continente, alcançando países ultramarinos, como é o nosso caso. Não somente no Brasil, mas em inúmeros países pelo mundo, esse escritor impôs a sua marca de respeito e atenção ao público infantil, valorizando também a literatura popular, a partir da qual é possível ler clássicos da literatura universal.

A Bela adormecida, uma leitura indispensável na formação humana.

A adolescência é uma fase do

desenvolvimento humano reconhecida pelas suas contradições. Os adolescentes em geral buscam agitação, chamam a atenção com roupas e atitudes extravagantes, mas também são descritos como desatentos, sonolentos, preguiçosos, desastrados, desconcentrados, antissociais, isolados, contraditórios. Escolhemos para analisar o conto de fadas A Bela adormecida do bosque ou simplesmente, A Bela adormecida, como é conhecido, por se tratar de uma narrativa que pode ser abordada tanto com crianças da Educação Infantil quanto com as maiores.

Algumas vezes, os adolescentes parecem não suportar a ausência dos amigos e durante a distância passam horas ao telefone ou internet sem que lhes faltem assuntos; em outras, parecem preferir refugiar-se dormindo horas seguidas ou isolando-se do mundo; por isso, esse conto pode ser apropriado para essa fase da vida, uma vez que pode haver certa identidade com a

protagonista da história.

Segundo Bettelheim (10), o conto supracitado enfatiza esse período de sonolência, apatia e tranquilidade demorada, muitas vezes incômoda para os pais, mas necessária para a transição e maturidade do adolescente. O autor ainda compara essa espera inconsciente por uma ação posterior com o período que antecede a menstruação nas meninas, a puberdade nos meninos e nas meninas, a fertilidade, a maturidade sexual. Toda a busca incessante dos pais de impedir essa maturidade, procurando proteger seus filhos da despedida da infância é retratada no conto com a tentativa de evitar que a menina espete seu dedo na roca, o que se torna inútil, apenas adiando o inevitável. Após cem anos de sono a moça desperta, bela e com 15 anos. Com o seu despertar, surge também seu amadurecimento sexual, a donzela mostra-se pronta para a experiência sexual que vivenciará.



Figura 1. A Bela adormecida do bosque
(fonte: <http://expoeraumavez.blogspot.com.br/2010/11/bela-adormecida.html>).

Nesse ponto, é importante lembrar que essa temática da sexualidade no conto A Bela adormecida do bosque dá-nos a clara impressão de ter sido inspirada por Basílio: O sol, a Lua e Tália. O conto basiliano relata, de modo mais direto, um estupro. Este conto originário da

mitologia grega, resguardado na história de Leto, "uma das muitas amantes de Zeus que lhe deu como filhos Apolo, deus sol e Artemis, deusa lua"; a rainha ciumenta é representada por Hera, a esposa traída (10). Lembramos que o conto de Perrault tinha as crianças como público.



Figura 2: O sol, a Lua e Tália:
(fonte : <http://www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/Nina/964>)

Para melhor nos fazermos entender, apresentaremos a seguir um breve resumo desse conto. Quando sua filha Tália nasceu, o rei convocou todos os sábios e videntes do reino para profetizar sobre seu futuro. Todos concordaram que ela correria um grande perigo ao acidentalmente com uma farpa de linho. Para evitar tal tragédia o rei ordenou que nunca entrasse linho ou cânhamo no palácio, porém havia uma velha que tecia no sótão e foi esquecida por todos, através dela o fatal aconteceu e a princesinha, ao cair como morta foi abandonada por seu pai que, muito

deprimido, deixou-a sobre o trono, sozinha em seu castelo.

Um rei de outro império ao passear próximo ao castelo abandonado entrou e deparou-se com a princesa inerte, apaixonou-se e não resistindo, coabitou com ela que continuou adormecida. Não conseguindo despertá-la ele partiu. Nove meses depois Tália deu a luz a gêmeos (Sol e Lua). Os bebês sobreviveram mamando na mãe entorpecida. Certa vez um dos bebês ao procurar o seio dela, sugou seu dedo e extraiu a farpa fazendo-a despertar. Algum tempo

depois, o rei apaixonado voltou ao castelo e ficou ainda mais maravilhado pela beleza de Tália e dos seus filhos. Ao descobrir o segredo do marido, a rainha ciumenta tenta tirar a vida da princesa e das crianças, mas acaba sendo morta pelo próprio cônjuge, que passa a viver feliz com sua nova esposa.

Na versão do cortesão Perrault, os fatos são romanceados, há apenas um rei e o outro é substituído por um príncipe, este último obviamente solteiro, as crianças chamam-se Manhã e Dia, a princesa é conhecida como A Bela Adormecida. Já na versão dos Irmãos Grimm, ela recebe o nome de Aurora e as crianças não aparecem na narrativa. Tanto na versão de Perrault, quanto na de Basílio, a rainha ciumenta recebe a devida punição; já na dos Grimm esse fato é extraído, o que para alguns autores pode ter empobrecido o conto, no que se refere à doutrinação do comportamento infantil (9).

Rosa (11), afirma que “quando nos deixamos envolver por uma história, adentramos a ficção, estamos confrontando nossos valores, experimentando alternativas para a vida”. Nessa mesma linha de pensamento, Laurenti (12) enfatiza que as palavras adquirem poder de ações, estabelecendo correspondências com o mundo real, portanto verossímil, em vez de verdadeiro. A principal função da fantasia é promover a crença na realidade ficcional e, assim, ajudar os indivíduos a responderem às suas inquietações, sejam elas de perdas ou não.

No dizer de Bosi (13), “Reconquistar o que se perdeu é muito difícil: difícil é o caminho da volta às coisas, de volta ao mundo da vida pré-categorial [...]. Esse caminho pede um alto grau

de tomada de consciência da vida em si que começa na recusa do estabelecido, na suspensão da validade mundana”. De nossa parte, acreditamos que o melhor a fazer é procurar 'prevenir', investindo na nossa reflexão aprofundada acerca da nossa prática profissional, relativa à dinâmica, ao planejamento e à capacitação dos profissionais da área de saúde para que nos tornemos profissionais que contam histórias, fazendo circular as narrações literárias em qualquer ambiente que traga a “cura” no sentido mais amplo da palavra, para seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em formação humana é, sem dúvida, pensar na humanização, considerando-se que uma palavra já abraça a outra. Portanto, vemos no encontro desses dois polos tão imprescindíveis ao ser humano: saúde e educação, um caminho muito especial de se favorecer “curas”. Tais curas estão no âmbito da autonomia, da dignidade, da individualidade e da totalidade, conforme nos indicam Sobrinho e Santos (2). “O mérito da humanização como prática difundida começa com a ação individual”. Logo, com atitudes individuais, que devem começar desde a formação infantil, alongando-se à formação universitária, poderemos ter, em um futuro próximo, o profissional da grande área da saúde atuando na busca por um exercício profissional focando nos pacientes-humanos e vistos como tais.

É, portanto, nesse sentido que vemos o papel da literatura como um elemento

humanizador, terapêutico e capaz de provocar devaneios em busca da realidade. Pois, se para a OMS, ter saúde está associado a fatores maiores e mais complexos que o biológico, a fruição literária teria, nessa esfera um papel predominante, uma vez que possui a função psíquica, formadora e social, sendo vista, dessa forma, como um caminho todo especial para se obter essa saúde plena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Candido A. O direito à literatura. In: Vários escritos. 3. ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
2. Sobrinho GDO e Santos J. Reflexões acerca da humanização na saúde pública brasileira. *Revista Ciência e Saúde*. 2010; 1(1): 42-48.
3. Amorim AR. A Literatura em busca de um conceito. *Revista Urutagua*. 2001; 1(2). http://www.urutagua.uem.br//02_literatura.htm.
4. Ariès P. História Social da Criança e da Família. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
5. Alighiere D. A Divina Comédia. Trad. Flávio Albert. Editora Nova Cultural: São Paulo. 2003.
6. Agamben G. Infância e história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
7. Furetière A. Dictionnaire Universel, contenant généralement tous les mots français tant vieux que modernes et les termes de toutes les sciences et des Arts. La Haye et Rotterdam: Arnot et Renier Leers, 1960.
8. Leivas A. As fábulas e os contos de fadas: as histórias extraordinárias, sua importância e seus autores. *Literatura*. 2011; 34.
9. Canton K. Os contos de fadas e a arte. São Paulo: Prumo, 2009.
10. Bettelheim B. Na terra das fadas: análise das personagens femininas. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
11. Rosa MCA. Contadores de histórias. *Literatura*. 2011; 34.
12. Laurenti RB. Aprendizagem por meio da narrativa. São Paulo: Vetor, 2006.
13. Bosi E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

Recebido: Fevereiro/2012.

Aceito: Março/2012.